

MATERIALIZAÇÃO DA IDEOLOGIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA ACERCA DA CONSTRUÇÃO DO MACHISMO A PARTIR DOS DISCURSOS NO *BIG BROTHER* BRASIL 2020

Thiago Henrique de Jesus Silva¹

Ana Carolina dos Reis de Moraes Trindade²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal, compreender como o discurso machista é mantido e reproduzido pelos discursos de Boca Rosa, Flayslane e Hadson, e assim contribuindo nas relações assimétricas de poder. De modo específico, mapear e identificar os *modus operandi* da ideologia nas práticas discursivas de Boca Rosa, Flayslane e Hadson no *Big Brother* Brasil 2020 sobre o machismo presente em seus discursos; compreender a materialização da ideologia machista no episódio e apresentar uma reflexão crítica sobre os processos de manutenção da ideologia a partir das falas dos participantes do reality show. Como metodologia, adota-se a Análise de Discurso Crítica (ADC), que considera que o discurso corrobora para a instauração, manutenção, naturalização e mudança das práticas sociais e das relações assimétricas de poder vigentes na sociedade, que vem da Dialética-Relacional de Fairclough (2019), sendo uma das versões mais utilizada dentro os estudos em ADC, pois pretende-se estudar os efeitos sociais produzidos, contextualizados, pela relação dialética do discurso e sociedade, e com a mudança social. O *corpus* da presente pesquisa é composto em uma matéria do site Hugo Gloss, que apresenta uma narração das falas dos participantes já citados. Concluímos que a materialização da ideologia acontece por diversas camadas, que vai depender dos sujeitos e do contexto no qual estão localizados. Especificamente, esse episódio estudado durante o artigo envolvendo os participantes a ideologia é sustentada e reproduzida a partir do próprio discurso, que corrobora em embalar e apresentar a ideologia de algumas formas, como na fragmentação, na narrativização, na legitimação, na naturalização, nas práticas sociais, inculcada nos nossos sistemas de conhecimentos, crenças, valores, desejos, etc. Com isso, o machismo é sustentando e naturalizado pelo discurso, visto que foi um mecanismo utilizado para a sua manifestação e materialização.

Palavras-chave: Big Brother Brasil; Boca Rosa; Discurso; Hegemonia; Ideologia; Poder.

1. INTRODUÇÃO

O ano é 1984, um império chamado Oceania que está sob os comandos de um regime totalitário, ou seja, o Estado interfere em todas as instâncias sociais das pessoas, inclusive, em seus direitos individuais. E para manter o controle e a vigilância, é instaurado através do

¹ Bacharelado em Jornalismo no Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão – UNIFACEMA. Caxias - MA. E-mail: thyagomiron16@email.com.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Rio Grande do Norte – RN. E-mail: carolinareeis@gmail.com.

Governo um aparelho chamado “teletela”. Esse objeto nada mais é do que uma espécie de televisão que, simultaneamente, transmite e captura imagens sobre o que os indivíduos estão fazendo nas suas casas. Uma curiosidade: quando não está passando nenhum tipo de conteúdo pela “teletela”, é colocada a imagem do líder do partido – o ditador – nomeado de “grande irmão” ou “*big brother*”, com a seguinte frase “*The big brother is watching you*”, em tradução livre “O grande irmão está te observando”. Como estão em um regime autoritário, a população não pode ter contato com o mundo exterior, sem saber sobre o que está acontecendo pelo mundo, tudo é regulado. Dessa maneira, o único contato que esses indivíduos podem ter é com o grande irmão através da “teletela” instaladas em seus cômodos. E foi inspirado no livro “1984”, do autor George Orwell, que o *reality show* “*Big Brother*” foi lançado pelo holandês John de Mol, pela empresa Endemol, em 1999.

Atualmente, na vigésima edição da versão brasileira do *reality show* transmitido pela Rede Globo, chegou com uma novidade: a participação de famosos juntamente com anônimos, separados por grupos: o Camarote e a Pipoca, respectivamente. O primeiro é composto por Babu Santana, Bianca Andrade, Gabi Martins, Pyong Lee, Lucas Chumbo, Manu Gavassi, Mari Gonzalez, Petrix Barbosa e Rafa Kalimann. Enquanto no segundo temos Felipe, Flayslane, Gizelly, Guilherme, Hadson, Lucas, Marcela, Thelma e Victor Hugo.

Entretanto, é no dia 05 de fevereiro de 2020 que acontece uma reviravolta no jogo. Isso porque o participante Hadson conta para Marcela e Gizelly de uma determinada estratégia do grupo dele que iria seduzir Mari Gonzalez, uma espécie de “teste de fidelidade³” já que ela namorara fora do programa. Ainda segundo Hadson, Lucas seria a isca “para distrair, para que as mulheres cedam, as que são casadas lá fora⁴”. Além de Hadson, Lucas, Petrix, Guilherme, Felipe e Chumbo também participaram do esquema, que tinha como objetivo “queimar” a imagem das mulheres com o público. A partir desse momento, há uma série de desdobramentos, entre eles, o caso de Bianca Andrade ou Boca Rosa, como é popularmente conhecida. Boca Rosa ao saber sobre o ocorrido, teria ficado no lado dos homens, e assim, causando desconforto com as demais mulheres, que estavam todas unidas e acreditando em Marcela, a pessoa que relatou com o restante da casa.

É partir desse cenário descrito anteriormente que a presente pesquisa discorre ao longo desse artigo e coloca em questão os *modus operandi* da ideologia, afim de analisar como o

³ Disponível em < <https://hugogloss.uol.com.br/tv/bbb/bbb20-omg-marcela-expoe-estrategia-teste-de-fidelidade-para-sisters-que-tiram-satisfacao-com-hadson-brother-mente-na-cara-dura-nao-existe-isso-assista>> Acessado em 21 de fev. 2020.

⁴ Disponível em <<https://www.otempo.com.br/diversao/atriz-da-globo-critica-bianca-do-bbb-20-por-fala-contras-mulheres-1.2292830>>. Acessado em 21 de fev. 2020.

discurso machista é mantido e reproduzido pelos discursos de Boca Rosa, Flayslane e Hadson, e assim contribuindo nas relações assimétricas de poder, sendo o objetivo principal. Especificamente, mapear e identificar esses *modus operandi* nas práticas discursivas de Boca Rosa, Flayslane e Hadson no *Big Brother Brasil 2020* (BBB) sobre o machismo presente em seus discursos; compreender a materialização da ideologia machista no episódio já citado anteriormente e apresentar uma reflexão crítica sobre os processos de manutenção da ideologia a partir das falas dos participantes do *reality show*.

Metodologicamente, a pesquisa utiliza-se a Análise de Discurso Crítica (ADC), de Fairclough (2019), ao trabalhar com os conceitos de discurso, poder, ideologia e hegemonia, assim, disponibilizando um arcabouço teórico capaz de subsidiar o presente trabalho. Além disso, também será empregada uma pesquisa documental, pois o *corpus* é composto por uma matéria relatando sobre o episódio envolvendo Boca Rosa, Flayslane e Hadson e seus discursos no “*Big Brother Brasil 2020*”. Adiante, concluímos que a materialização da ideologia acontece por diversas camadas, que vai depender dos sujeitos e do contexto no qual está localizada. Especificamente, esse episódio estudado durante o artigo envolvendo os participantes a ideologia é sustentada e reproduzida a partir do próprio discurso, que corrobora em embalar e apresentar a ideologia de algumas formas, como na fragmentação, na narrativização, na legitimação, na naturalização, nas práticas sociais, inculcada nos nossos sistemas de conhecimentos, crenças, valores, desejos, etc. Com isso, o machismo e o patriarcado é sustentando e naturalizado pelo discurso, visto que foi um mecanismo utilizado para a sua manifestação e materialização.

2. MACHISMO DISCURSIVO

Vivemos em uma sociedade onde as estruturas são atravessadas por relações assimétricas de poder, uma vez atravessadas, influenciam na construção das nossas relações sociais no meio que estamos localizados, como já enfatizara Foucault (2014), constituindo em sujeitos concretos. Para ele, o discurso permeia toda a construção social, histórica e material dos sujeitos dentro de uma estrutura. Com isso, o machismo adentrado da linguagem consegue ser inculcado nos modos de agir, ser e de representar dos indivíduos, conseqüentemente, colaborando na perpetuação da dominação masculina, processo chamado de machismo discursivo (BARROS, BUSANELLO, 2019).

É própria da cultura de dominação se apropriar das histórias, das vivências, da língua, expressões e imagem de quem se pretende dominar. Tudo que caracteriza poder, pertencimento e independência é retirado a fim de que os sujeitos dominados permaneçam naquela condição. E em uma sociedade misógina e patriarcal todos esses artifícios são utilizados como estratégias de dominação e submissão das mulheres. Cabe a mulher o cuidado, a delicadeza, a ordem (no espaço privado), entretanto, de maneira nenhuma o poder e nem mesmo os espaços públicos. Dessa maneira, são as próprias mulheres desligadas de suas narrativas que passam a reproduzir a cultura de dominação, seja nos seus hábitos, na educação dos filhos, na linguagem, expressões corporais, os modos de se vestir ou mesmo no silêncio. O corpo se apresenta como um espaço político e, assim, se caracterizando como objeto de dominação na busca pelo poder (SOUZA, 2019).

3. ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC): ENTENDENDO O MÉTODO E TEORIA

Os principais pressupostos teórico-metodológicos utilizados no presente artigo provêm da Análise de Discurso Crítica (ADC), elaborada por Fairclough (2019), que considera o discurso e sociedade vivem em uma relação dialética, sendo assim, indissociáveis. Desta maneira, a ADC enxerga que as práticas sociais constroem o interno da linguagem e vice-versa, pois tem que ir além do texto e vê que os pontos externos interferem na produção textual, como a ideologia.

Para poder analisar como o discurso machista é mantido e reproduzido pelos discursos de Boca Rosa, Flayslane e Hadson, e assim contribuindo nas relações assimétricas de poder partindo dos pressupostos da ADC que o discurso corrobora para a instauração, manutenção, naturalização e mudança das práticas sociais e das relações assimétricas de poder vigentes na sociedade. Para pesquisa, adota-se a Dialética-Relacional (DR) de Fairclough (2019), sendo uma das versões mais utilizada dentro os estudos em ADC, pois pretende-se estudar os efeitos sociais produzidos, contextualizados, pela relação dialética do discurso e sociedade, e com a mudança social.

Para isso, a ADC fornece um arcabouço teórico-metodológico que operacionaliza estudos acerca da relação dialética entre a linguagem com a sociedade, como a noção do próprio discurso, que se relaciona com o poder, a ideologia, a hegemonia, por exemplo. Outro ponto da ADC, concebida por Fairclough (2019), é o seu caráter de ser uma análise discursiva textualmente orientada (ADTO), que justifica na articulação de outras categorias analíticas

sociológicas como ideologia, hegemonia, poder, reflexividade, identidade com as categorias linguísticas. Com isso, possuindo ferramentas para conseguir investigar as estratégias da linguagem nos contextos sociais. Nessa perspectiva, a estruturação da pesquisa é elaborada de acordo com o que pretendesse buscar à medida que acontece a delimitação do *corpus*. Para pesquisa, foi utilizado as seguintes categorias de análise que a ADC dispõe: o discurso, a ideologia, a hegemonia e o poder, que serão discutidos nos tópicos posteriores.

3.1 DISCURSO

A organização de uma sociedade é permeada por práticas sociais, que nada mais são do que elementos instáveis de fazer algo, e no seu interior são constituídas pelas práticas discursivas que se moldam e influenciam reciprocamente. E o texto é um dos meios de adentrar socialmente, seja por via oral, escrito e não-oral. Dessa forma, são invocadas ações por meio do texto, que carrega consigo pressupostos refletindo estruturas de pensamentos, valores, crenças e desejos de um determinado grupo ou realidade social específica (BATISTA JR, SATO, MELO, 2018).

Para Foucault (2014), o discurso é a imposição uma verdade a quem escuta, e a verbalização de uma determinada realidade social na qual estamos inseridos, ou seja, ele contribui na compreensão do material, assim, interpretando, reorganizando e descentralizando. Dessa maneira, o discurso é reorganizado e renovado cada vez que o enunciado é refeito.

[...] O discurso nada mais é que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 2014, p. 46).

Foucault (2014) considera o discurso como um elemento constitutivo. Assim, a linguagem é concebida através das práticas discursivas como uma esfera de construir, moldar, restringir e transformar uma sociedade, conseqüentemente, os laços sociais. O autor ressalta que durante uma análise discursiva é preciso ficar atento ao aspecto sócio-histórico. Tendo em vista disso, o contexto social é de suma importância ao examinar formações discursivas, até mesmo, para uma relação entre discurso e sociedade defendida por Fairclough (2019), que aconselha em entender a linguagem enquanto prática social como um modo de agir historicamente situada.

Fairclough (2019) acredita que há uma relação dialética entre o discurso e a sociedade, pois a linguagem constitui a vida social e vice-versa. Para ele, o discurso é uma prática social,

e assim, encontra-se sempre encaixado no momento específico das práticas sociais. Nessa perspectiva, não é possível separar o discurso das práticas sociais, sendo assim, mecanismos inseparáveis. Ainda segundo ele, o discurso colabora na construção de identidades sociais, posições de sujeitos, relações sociais e sistemas de conhecimentos e crenças.

Para o britânico, o discurso não tem nenhuma relação com a condição de neutralidade, e tem duas implicações:

Ao usar o termo “discurso”, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. (FAIRCLOUGH, 2019, p. 94).

Nos estudos de Fairclough (2019), o discurso é dividido em dois significados: abstrato e concreto, respectivamente. Primeiro, o “discurso” no singular é compreendido como um dos momentos da vida social, ambos inseparáveis. Segundo os “discursos” no plural são interpretados com um modo de representar um mundo particular ligados a determinados interesses (BATISTA JR, SATO, MELO 2018, p. 57). Com isso, o discurso estabelece conexões com um outro elemento: o poder. Foucault (2014) explica que o discurso é um processo dialético entre o desejo e o poder.

3.2 IDEOLOGIA

Como já debatido ao longo do presente artigo, os discursos são compreendidos como práticas sociais, e assim, também se fazem presentes nos momentos das práticas sociais. Nesse cenário, a relação dialética entre discurso e sociedade permite que seja percorrido em várias instâncias como o próprio discurso, o poder, a hegemonia, e, enfim, a ideologia, que inculcadas nos discursos permitem reverberações de sentidos, conhecimentos, crenças, valores, desejos, etc., contribuindo na instauração, manutenção e transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2019).

As ideologias são significados/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2019, p. 122).

Nesse sentido, o autor britânico enfatiza a ideologia como um componente na construção de uma representação de mundo específica por indivíduos envolvidos da estrutura

em contribuir na manutenção das relações de poder, conseqüentemente, a dominação. Diante disso, podemos afirmar que todo discurso é ideológico, pois se todo discurso tem uma intencionalidade, será construído e posicionado para atender uma determinada representação e realidade social específica, conectando, as relações de poder, que serão mais eficazes se mantidas por meio do não dito – de forma tácita -, assim, buscando uma hegemonia quando é gerada uma espécie de universalização de um panorama particular.

Para Thompson (2011), a ideologia atua por meio de cinco *modus operandi* para garantir a sustentação e manutenção das relações de dominação: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. É na legitimação que as relações de dominação são consideradas legítimas, ou seja, são manifestadas como justas e dignas de suporte e aprovação. Na dissimulação, as relações de dominação são estabelecidas pela sua ocultação, negação, ofuscadas ou obscurecidas por construções simbólicas. Na unificação, as construções simbólicas de identidades coletivas funcionam na sustentação das relações de dominação. Na fragmentação, as relações assimétricas de poder são sustentadas pela separação de indivíduos e grupos sociais que é um potencial ameaçador ao grupo dominante. Por fim, a reificação sustenta as relações de dominação na ocultação da ideologia por trás de uma apresentação de um momento transitório como permanente.

3.3 HEGEMONIA

Em seus estudos, Fairclough (2019) retoma a discutir o conceito hegemonia de Gramsci, que classifica como liderança e domínio de um grupo sobre os demais, ocorrendo em vários espaços como político, econômico, cultural e ideológico, que por sua ocorre mais pelo consenso do que com a utilização da força. Logo, a hegemonia é uma forma de dominação construída no consentimento na esfera ideológica.

Como já falado anteriormente, esse elemento tem como característica a sua instabilidade, ou seja, o poder exercido é apenas de caráter temporário. Com isso, vem a noção de luta hegemônica, que tem como foco nos conflitos gerados pelos pontos de instabilidade, e assim, contribuindo para mudanças e evolução das relações de poder por meio dos discursos, assim, corroborando com o princípio da relação dialética entre linguagem e sociedade (FAIRCLOUGH, 2019, p. 127).

Compreendendo a hegemonia como algo que está em constante instabilidade em suas articulações entre os demais elementos sociais, abre-se uma possibilidade de desarticulação e rearticulação, intrinsecamente. Logo, se podemos articular, podemos desarticular para articular. Resende e Ramalho (2019) acreditam que está relacionado a agência humana. Por conta disso,

enxergam que através da ação combinado com uma reflexividade crítica terão um potencial em superação nas relações assimétricas na sociedade.

O conceito de hegemonia implica o desenvolvimento – em vários domínios da sociedade civil (como o trabalho, a educação, as atividades de lazer) – de práticas que naturalizam relações ideológicas específicas e que são, na sua maioria, práticas discursivas. A um conjunto específico de convenções discursivas. [...] estão, implicitamente, associadas determinadas ideologias – crenças e conhecimento específicos, posições específicas para cada tipo de sujeito social que participa nessa prática e relações específicas de participantes (RESENDE e RAMALHO, 2019, p. 44).

Resende e Ramalho (2019) querem dizer é que a hegemonia é um instrumento usado na instauração, manutenção e transformação de práticas ideológicas, e assim, servindo na cristalização de discursos específicos. Para Fairclough (2019), a hegemonia também contribui na materialização das ideologias inculcadas na construção dos discursos a partir das práticas.

Como vistas para isso, o conceito de hegemonia nos esclarece a importância da ideologia e a sua contribuição em manter as relações de dominação. Então, se a dominação é baseada mais no consenso do que no uso da força – a coerção – é essencial para que essas articulações permaneçam aconteça o processo de naturalização de práticas e relações sociais chegando ao senso comum, transformando em mecanismo que conserva as hegemonias através dos momentos discursos.

3.4 PODER

Na visão de Van Dijk (2018), essa relação entre o discurso e sociedade – discutida no tópico anterior “A ordem do discurso” - corrobora na reprodução de estigmas, discriminações, pois é visto que o racismo ou o machismo, por exemplo, não são elementos naturais, e sim, aprendidos a partir do compartilhamento dos discursos públicos ao longo do processo cognitivo dos indivíduos por meio de conhecimentos, crenças, valores, ideologias, dentre outras. Assim, o discurso é transformado em um mecanismo de poder por aqueles que os detém.

Foucault (2014) entende que o processo comunicativo abandona o caráter de neutralidade, pois tem uma intencionalidade por detrás. Em outras palavras, a comunicação é uma ação que visa chegar no outro por meio da linguagem, visando, privilegiar determinados interesses em detrimentos de outros. Para o francês, o discurso é repressivo e sendo limitado as circunstâncias do poder na garantia de privilégios. Desta maneira, o discurso é visto como modos distintos de estruturação dos diversos campos de conhecimentos e de práticas sociais.

[...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que –

isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas e dominação, mas porque, pelo que se luta, o poder no qual nós queremos apoderar (FOUCAULT, 2014, p. 09-10).

A noção de poder retratada nessa presente pesquisa é na perspectiva de dominação. É debater a utilização do meio discursivo para a instalação, manutenção e transformação das relações assimétricas de poder na sociedade. Foucault (2014) compreende que o poder como um elemento fluído. Isso porquê, ele se materializa nas conexões com as práticas sociais, assim, instalando questões ideológicas que são inculcadas nas correntes discursivas. Logo, o discurso significa poder, sendo perigoso à medida que serve para manutenção de interesses particulares, consequentemente, reverberando generalizações e discriminações de outras realidades sociais. Diante disso, observamos a relação entre o discurso e o poder. Para Foucault (2014), a obtenção do poder só é possível se antes conseguir dominar o discurso, e assim, transformado em um objeto de desejo.

Se o discurso controla mentes, e mentes controlam ação, é crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar. Como eles fazem isso? Se eventos comunicativos consistem não somente de escrita e fala “verbais”, mas também de um contexto que influencia o discurso, então o primeiro passo para o controle do discurso é controlar seus contextos. Por exemplo, as elites ou organizações poderosas podem decidir quem pode participar em algum evento comunicativo, quando, onde e com que propósitos (VAN DIJK, 2018, p. 18-19).

Seguindo a corrente de pensamento de Foucault (2014), Van Dijk (2018) também compartilha dessa ideia do discurso como um mecanismo de ação, consequentemente, provocando modelos de condutas dos indivíduos e os controlando e restringindo. Diante disso, o contexto social no qual o discurso estará sendo localizado é controlado. E com esse controle discursivo, o poder finalmente é almejado.

Na concepção de Fairclough (2019), o conceito de poder também é atrelado ao um outro conceito: a hegemonia. Para ele, as representações discursivas estão carregadas consigo de ideologias trazendo efeitos sociais na estrutura social inserida em benefícios de projetos particulares de dominação. Contudo, o poder é considerado como instável, pois as relações assimétricas de poder e opressão podem sofrer alterações, ou até mesmo superadas devido a relação dialética entre a linguagem e a sociedade.

4. ANÁLISE DOS DISCURSOS DE BOCA ROSA, FLAYSLANE E HADSON NO *BIG BROTHER* BRASIL 2020

Recapitulando, a presente pesquisa trata-se de compreender como a ideologia machista é materializada a partir da análise sobre os discursos de Boca Rosa, Flayslane e Hadson durante um determinado episódio no “*Big Brother* Brasil 2020”. Como já explicado na introdução, o grupo elaborou uma estratégia de jogo onde o objetivo era “manchar” a imagem das mulheres comprometidas fora do programa, assim, as complicando com o público e também no jogo. Portanto, o *corpus* da análise é composto por uma matéria do site Hugo Gloss, que relata os detalhes do episódio que gerou esse presente trabalho que você está acompanhando até agora.

Após saber sobre o plano dos meninos, as participantes Gabi, Manu, Mari, Rafa, Flayslane, Gizelly, Marcela, Boca Rosa e Thelma foram em direção dos mesmos em busca de explicações sobre a tal estratégia deles, que tinha como alvo de início Mari. Colocados contra parede, eles negaram. Com isso, Boca Rosa demonstrou uma desconfiança com as demais colegas sobre a atitude. Aqui, é apresentada a luta hegemônica em sua praticidade, isso porquê, seguindo o conceito estudado no trabalho, aconteceu um conflito em meio a sua instabilidade, assim, contribuindo em um momento de articulação dos grupos das meninas ao confrontar os meninos e em seguida se reunirem para debater o que estava acontecendo. A partir desse momento começa as análises sobre os discursos proferidos pela *youtuber* e envolvidos na cena.

"Eu tô querendo ver o lado dele (Hadson). Não é possível, você acha que ele (Hadson) tá sendo falso? Eu não acho! Você tinha que ver a algazarra que elas fizeram, Gui. 'Ai, girl power, vamos meninas'. Eu falei: 'Gente, o que é isso? Um filme? Eu sou realidade! Falaram que ele é machista e não sei o quê... é muito grave falar isso!'". Nesse comentário de Boca Rosa, podemos notar que a ideologia agiu através da fragmentação, que para Thompson (2011), é quando as relações assimétricas de poder são sustentadas pela separação de indivíduos e grupos sociais que é um potencial ameaçador ao grupo dominante, pois houve uma separação dela com as demais meninas quando considera que esse ato é algo fictício, assim, fora do concreto, ao indagar: “*Gente, o que é isso? Um filme? Eu sou realidade*”.

"Fui criado por três mulheres, minha avó, minha mãe e minha mãe preta. Aquela cidadã (Rafa) falou que sou machista. Isso é me julgar. Tenho uma pessoa lá fora, ela está grávida de mim. Eu não precisava nem falar isso". Aqui, enxergamos que a sustentação do machismo foi por meio da narrativização, segundo Thompson (2011), acontece quando se recorre as histórias do passado para poder legitimar os eventos do presente. Então, Hadson recorreu as histórias do passado para legitimar as suas atitudes naquele exato momento, dessa forma, essa assimetria de

poder é tratada por ele como algo inexistente na ocasião. E assim, a hegemonia do discurso machista é mantida.

Anteriormente, falamos que houve uma fragmentação no grupo das meninas, pois além de Boca Rosa, Flayslane também ficou do lado de Hadson ao falar: "*ser machista não é um crime. É que às vezes você faz uns comentários que para nós são ofensivos. Eu deixo pra lá, nem me envolvo. Meu pai é machista, meu ex é machista. Mas algumas criações são assim*". Além de fragmentar, a ideologia foi legitimada quando é vista como uma prática legítima e digna de aceitação, embalada de naturalidade, quando Flayslane ao pedir desculpas ao Hadson comenta: "*eu não gosto quando passo de biquini e você chama de gostosa. Não gosto, comecei a ficar até meio desconfortável, mas é normal, a gente mulher se sente acuada*". Nesse ponto, podemos observar que mesmo vendo que a atitude do rapaz é totalmente violenta simbolicamente, ela, com a ideologia machista enraizada em si, trata como algo inerente ao ser humano, algo natural de ser presenciado. Dessa maneira, colaborando na sustentação dessa relação de dominação da estrutura patriarcal. Não pense que a culpa é dela, pois como explica Foucault (2014), e Van Dijk (2018), o discurso é um mecanismo de ação, ou seja, servindo para modelos de condutas e os controlando. Aliás, como as ideologias juntamente com o discurso e hegemonia constroem o nosso sistema de conhecimentos, crenças, valores, desejos, automaticamente, esses elementos são inculcados em nossas práticas sociais. Além disso, nesse mesmo ponto também é visto que Hadson conseguiu dominar o seu discurso machista, segundo Foucault (2014), conseguiu obter o poder ao fazer com que Flayslane lhe pedisse desculpas, quando na verdade, seria para ser o contrário. Mais uma vez, o dominado internaliza a violência simbólica e se vê como um sujeito culpado ao ver o seu dominador agindo como dominador. Assim, o pensamento de Van Dijk (2018) quando fala que discursos controlam mentes, e mentes controlam ações, é concretizado e capturado pelas câmeras do programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a materialização da ideologia acontece por diversas camadas, que vai depender dos sujeitos e do contexto no qual está localizada. Especificamente, esse episódio estudado durante o artigo envolvendo os participantes Boca Rosa, Flayslane e Hadson a ideologia é sustentada e reproduzida a partir do próprio discurso, que corrobora em embalar e apresentar a ideologia de algumas formas, como na fragmentação, na narrativização, na legitimação, na naturalização, nas práticas sociais, inculcada nos nossos sistemas de conhecimentos, crenças, valores, desejos, etc. Com isso, o machismo e o patriarcado é

sustentando e naturalizado pelo discurso, visto que foi um mecanismo utilizado para a sua manifestação e materialização.

Com isso, enfatizamos que a ideologia faz parte do processo de evolução do ser humano desde sua percepção como sujeito concreto em uma *priori*. Assim, dependendo da sua respectiva embalagem e apresentação, ela irá ser uma grande aliada na sustentação das relações assimétricas de poder e dominação com o único objetivo, que não é de ganhar R\$ 1,5 de reais, e sim, na manutenção da ordem social de uma estrutura patriarcal.

REFERÊNCIAS

BARROS, Antonio Teixeira de, BUSANELLO, Elisabete. **Machismo discursivo: modos de interdição da voz das mulheres no parlamento brasileiro.** 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ref/v27n2/1806-9584-ref-27-02-e53771.pdf>.

BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes, SATO, Denise Tamaê Borges, MELO, Iran Ferreira de. **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas.** 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 24º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 40.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** 2º ed. 1ª reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019. p. 316.

Gloss, Hugo. **BBB 20: Bianca Andrade debocha de revolta de meninas com Hadson, chama Manu de retardada e é detonada nas redes. Flayslane também decepciona com papo sobre machismo; assista.** Disponível em <https://hugogloss.uol.com.br/tv/bbb/bbb20-bianca-andrade-debocha-de-revolta-de-meninas-com-hadson-chama-manu-de-retardada-e-e-detonada-nas-redes-flayslane-tambem-decepciona-com-papo-sobre-machismo-assista>.

RESENDE, Viviane de Melo, RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica.** 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

SOUZA, Flávia de Assis. **O saber-corpo e a busca pela descolonização da saúde coletiva.** 2019. Disponível em <http://cebes.org.br/publicacao/saude-em-debate-v-43-n-especial-8-outros-olhares-para-a-reforma-sanitaria-brasileira/>.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna.** 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder.** 2ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.